



Dei Verbum



Realização: Associação Filhos de Jesus e Maria, Comunidade de Aliança e Vida (Distribuição gratuita) Edição: Novembro/Dezembro 2007

“UMA VIRGEM CONCEBERÁ E DARÁ À LUZ UM FILHO, E O SEU NOME SERÁ EMANUEL”

“Ansiavam os justos do Antigo Testamento pelo prometido das Nações que viria endireitar os caminhos tortuosos, aplainar os montes, encher os vales e abrir o Céu para a humanidade pecadora.

As Sagradas Escrituras estão repletas de alusões proféticas ao Messias prometido, mas foi Isaías o Profeta messiânico por excelência.

Sete séculos antes da vinda do Salvador, dizia ele aos israelitas: “Consolai-vos, consolai-vos, povo meu, diz o vosso Deus. Falai ao coração de Jerusalém e dizei-lhe que os seus males terminaram, que está perdoada a sua iniquidade, e que ela recebeu da mão do Senhor o duplo por todos os seus pecados” (Is 40 1,2). O que quer dizer o Profeta prometendo aos judeus o duplo? Ele se referia ao Messias, ao mesmo tempo Deus e Homem”.

Falando mais diretamente desse futuro, profetizava Isaías: “Uma virgem conceberá e dará à luz um filho, e o seu nome será Emanuel” (Is. 7, 14). “Sairá uma vara do tronco de Jessé, e uma flor brotará da sua raiz. Repousará sobre ele o Espírito do Senhor, espírito de sabedoria e de entendimento,

espírito de sabedoria e de entendimento, espírito de conselho e de fortaleza, espírito de ciência e de piedade; e será cheio do espírito e do temor do Senhor” (Is. 11, 1-3).

Jubilosa e poeticamente canta ele, antevendo esses felizes tempos: “Porquanto um menino nasceu para nós, um filho nos foi dado e foi posto o principado sobre o seu ombro; e será chamado Admirável, Conselheiro, Deus forte, Pai do século futuro, Príncipe da paz. O seu império se estenderá cada vez mais e a paz não terá fim; sentar-se-á sobre o trono de Davi e sobre o seu reino, para o firmar e fortalecer pelo direito e pela justiça, desde agora e para sempre; fará isto o zelo do Senhor dos Exércitos” (Is 9, 6-7).

O cumprimento dessa profecia foi anunciado pelo Arcanjo São Gabriel à Santíssima Virgem, ao dizer-lhe que Ela “daria à luz um filho, a quem poria o nome de Jesus. Este será grande, será chamado Filho do Altíssimo e o Senhor Deus lhe dará o trono de seu pai Davi; reinará sobre a casa de Jacó eternamente, e o seu reino não terá fim” (Lc. 1, 31-33).



Fonte: Livro “O pequeno rei, o Menino Jesus de Praga”-Plinio Maria Solimeo-Artpress-São Paulo-2.001

“HOJE VOS NASCEU UM SALVADOR”

“O VERBO FEZ-SE CARNE, E HABITOU ENTRE NÓS: No princípio existia o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Estava no princípio em Deus. Todas as coisas foram feitas por Ele; e sem Ele nada foi feito. N’Ele estava a vida, e a vida era a luz dos homens; e a luz resplandeceu nas trevas, mas as trevas não O receberam.

Apareceu um homem enviado por Deus que se chamava João. Veio como testemunha, para dar testemunho da luz, a fim de que todos cressem por meio dele. Não era a luz, mas veio para dar testemunho da luz. O Verbo era a luz verdadeira, que vindo a esse mundo ilumina todo homem. Estava no mundo, e o mundo foi feito por Ele, mas o mundo não O conheceu. Veio para o que era seu, e os seus não O receberam. Mas a todos os que O receberam, àqueles que crêem no seu nome, deu poder de se tornarem filhos de Deus; eles que não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus.

E o Verbo fez-Se carne, e habitou entre nós; e nós vimos a sua glória, glória como de Filho Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade. João dá testemunho d’Ele e clama:

“Este era Aquele de quem eu disse: O que já de vir depois de mim é mais do que eu, porque existia antes de mim”.

Todos nós participamos da sua plenitude, e recebemos graça sobre graça; porque a Lei foi dada por Moisés, mas a graça e a verdade foram trazidas por Jesus Cristo. Ninguém jamais viu a Deus; o Unigênito de Deus, que está no seio do Pai, Ele mesmo é que O deu a conhecer (Jo 1, 1-18).

“Em meio a penumbra, causa uma certa pena considerar a pobreza na qual repousa um belíssimo Menino. Seu berço não é senão uma simples e rústica manjedoura, desgastada pelo longo uso de incontáveis animais. Meras palhas fazem as vezes de seu colchão, um complemento da humilde faixa que O envolve.

É noite de inverno e ali estão também um boi e um burro para O aquecerem, pois o recinto, constituído de pedras brutas, mantém o frio e a umidade próprios a essa estação do ano. Se, ao visitarmos um palácio, deparássemos com semelhante cena, ela nos pareceria aberrante; entretanto, a realidade é ainda mais chocante, pois ela se passa numa agreste, inóspita e isolada gruta.

Mas quem é esse Menino nascido, assim, em condições tão miseráveis?

Para bem sabê-lo, bastaria afastarmo-nos dessa gruta e percorrermos um pouco as colinas de Belém, onde encontraríamos alguns pastores exultantes de alegria, justamente à procura desse mesmo Menino. Entre múltiplas e emocionadas exclamações, eles nos diriam: “Apareceu-nos um Anjo todo refulgente de glória; ao se aproximar de nós, essa refulgência também nos cercou. Tivemos um grande medo, mas ele nos tranquilizou afirmando-nos uma notícia inédita. Na noite de hoje nasceu aqui próximo, na cidade de Davi, um Salvador. Ele é o Cristo Senhor. O Anjo nos disse que o sinal para reconhecermos bem o Menino será encontrá-lo envolto em faixas depois esse Anjo subiu e se juntou a muitos e muitos outros, cantando num magnífico coro: “Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens, objeto da boa vontade de Deus. E por isso estamos indo a caminho de Belém para ver o que aconteceu”.

E assim poderíamos retornar à Gruta para adorar o Senhor, o Rei, o Cristo Jesus. Ali reveríamos Maria e José, silenciosos e



penetrados de indizível piedade, devoção, enlevo e ternura. Em imaginação, ajoelhamos também e deixemo-nos penetrar por essa atmosfera de graças e bênçãos oriundas do Divino Infante.

Contemplemos sua fisionomia toda feita de paz, serenidade e brilho. Seu sorriso é cativante e seu olhar cheio de sabedoria. Ele é absolutamente incomum. Sua pele é incomparavelmente superior ao marfim, e mais suave que o arminho. Sua constituição física é perfeita, as mãos, os bracinhos, as pernas, os pezinhos configuram a mais bela obra de arte jamais vista. Tudo n'Ele é tão bem distribuído que nem sequer a inteligência Angélica seria capaz de imagina-lo. Ele move seus membros com tanta elegância, distinção e nobreza que, por vezes, esquecemos tratar-se de um bebê. Chama-nos a atenção sua enorme semelhança a Mãe.

A essa altura de nossa contemplação admirativa, todos os aspectos de pobreza e miséria se evanesceram de nosso horizonte. Vemos agora o esperado dos Patriarcas, dos Profetas e dos Reis, Quem, muito antes de nascer, já havia sido anunciado como Emanuel, “Deus conosco” (Is. 7,14), “Conselheiro admirável, Deus forte, Pai eterno, Príncipe da Paz” (Is 9,5). N'Ele se concentra um altíssimo mistério de sabedoria e misericórdia, conjugado com a mais alta e inesperada glorificação da natureza humana.

E nós nos recordamos das palavras de Isaías: “Eis que uma Virgem conceberá e dará à luz um filho...” (Is. 7,14).

Séculos mais tarde, sobre esse nascimento, comentaria São Bernardo: “Convinha a um Deus nascer de uma Virgem, e uma Virgem só podia conceber um Deus”.

II-O HOMEM ARDE EM SEDE DE INFINITO:

O Natal é uma poderosa lição para nós, neste início de milênio todo perpassado de igualitarismo. Desde a saída de nossos primeiros pais do Paraíso, o orgulho humano – vício traiçoeiro e insaciável, paralelo ao *non serviam* de Lúcifer – sempre teve dificuldade de tolerar uma autoridade sobre si. Quando de todo consentido, leva sua vítima, num primeiro lance, a desejar uma absoluta igualdade na distribuição dos bens, condições de existência, dons, etc. E ladinamente esconde atrás de si o desejo de ser deus, rei da criação, e de dispor desta ao seu bel-prazer. Por isso o homem orgulhoso busca

sem descanso o domínio sobre todos os seres que o cercam.

O delírio de ser igual a Deus, raiz da ruína humana: Essa ambição insensata, repercutindo o grito de revolta no Céu Empíreo, foi a causa do primeiro pecado sobre a terra. A serpente não encontrou melhor argumento para levar Eva à desobediência do que prometer-lhe a igualdade com Deus: “E sereis como deuses...” (Gn 3,5). Atraída por tão grande promessa, Eva não hesitou. Percebe-se, pela descrição do Gênesis, que dentro da alma ainda inocente da mãe do gênero humano, o sonho de ser “como deus”, despertou forte apetência. Eis aí a recôndita origem de nossa descida a esta terra de exílio.

Não tardou muito para Deus ver “que a maldade dos homens era grande na terra, e que todos os pensamentos do seu coração estavam continuamente voltados para o mal” (Gn 6,5).

Mas o dilúvio não corrigiu a humanidade: em pouco tempo, o homem quis construir uma torre que atingisse o céu. E nem sequer o castigo da confusão das línguas foi suficiente para cauterizar o delírio de ser igual a Deus. Tanto em Roma quanto na Pérsia, como na Síria, não faltaram tiranos que se fizessem adorar, construindo templos para obrigar seus semelhantes a lhes prestarem culto de latria.

Se tempo e espaço não nos faltassem, poderíamos fazer desfilar, em incontáveis páginas, as insensatezes cometidas pelos homens ao longo da História, em busca dessa usurpação do trono de Deus.

Mas não é necessário remontarmos ao passado distante para analisar essa insensata tendência. Basta abriremos os jornais ou revistas, ligarmos a TV ou o rádio, ou entrarmos em algum ambiente de hoje em dia para avaliarmos uma das principais causas da impiedade hodierna.

Os homens vivem como se Deus não existisse; o ateísmo prático tomou conta da face da terra. Embora pouca gente afirme que não acredita em Deus, nega-se – através dos sistemas de vida, dos modos de ser e dos costumes – a existência d'Ele. Perdeu-se o senso do ridículo relativo ao auto-elogio. Onde encontrar alguém que só fale de si raramente? A egolatria atingiu extremos inimagináveis: repetição do “eu...eu...eu” é o centro de todas as conversas e preocupações. Assistimos de mãos atadas ao enterro de todo e qualquer idealismo, dos valores mais altos. É por isso que a mesma frustração que se generalizou por ocasião do dilúvio, ou após a decepção causada pela mal-sucedida Torre de Babel, percorre a humanidade deste terceiro milênio, levando a prognosticar que, por exemplo, a depressão nervosa se tornará a doença mais comum dentro em breve. Constará nos anais da História que todos os males de nossa atual existência se devem ao fato de os homens não terem querido dobrar os joelhos diante de Deus, por desejarem ardentemente ocupar seu trono.

Há um modo de aplacar nossa sede de infinito: Para cortar pela raiz os pecados que hoje por toda parte se cometem, bastaria as almas se tornarem receptivas à mensagem que, de dentro das palhas do Presépio, nos traz o Menino Deus.

A sede de infinito arde em chamas dentro de nossa vontade, mas não há repouso verdadeiro para nós fora de Deus, como

afirmava Santo Agostinho. E foi Ele próprio quem criou esse anseio, para nos facilitar a procura do Absoluto.

Entretanto, jamais conseguiremos atingir essa plenitude, à qual tão fortemente aspiramos, se estivermos apoiados exclusivamente em nossas forças. É um paradoxo, diria alguém. Por que terá querido Deus acender labaredas de desejos irrealizáveis em nossos pobres corações, uma vez que não temos meios para realizá-los? Tratar-se-á de uma atitude pouco nada paternal d'Ele?

Jamais! Deus é a Bondade em substância. Ele quer muito nos fazer “deuses”... não através de uma orgulhosa e igualitária revolução de nossa parte, mas por meio da humildade, submissão e amor. Essa difusão exuberante do bem, nós a constatamos até na própria obra da criação. O sol não se cansa de nos enviar seu calor; as águas de nos fornecerem os peixes; a terra, seus frutos, etc. E sempre de forma superabundante. São seres minerais, vegetais, animais que, se fossem passíveis de felicidade, exultariam de entregar-se ao serviço dos homens. E esse não é senão um pálido reflexo da infinita bondade do Criador, que para resgatar-nos do pecado e reconciliar-nos com Ele, resolveu que seu Verbo Se encarnaria, entregando sua vida até a última gota de sangue: “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,14).

É este o “magnum mysterium” que os coros cantam na noite de Natal: Ó grande mistério e admirável sacramento, os animais verem o Senhor nascido, deitado no Presépio. Bem-Aventurada a Virgem cuja as entranhas mereceram trazer o Senhor Jesus Cristo.

Aleluia.

Tão extraordinária a magnitude desse acontecimento que constitui um dos principais mistérios da nossa fé.

O poder de nos tornarmos filhos de Deus: E essa maravilha não produz seus efeitos apenas nos restritos limites da manjedoura ou da gruta de Belém; eles chegam até nós. Entremos em qualquer igreja e aproximemo-nos do batistério. Ali se encontrará, talvez, uma criança aguardando o miraculoso momento de renascer pela água. O pecado e as trevas são sua herança, a maldição de Deus a acompanha. Ao lhe ser ministrado o sacramento, a graça a invade por inteiro, as virtudes e os dons se lhe instalam na alma, e ela, que era até então mera criatura torna-se filha de Deus, tabernáculo vivo da Santíssima Trindade, herdeira do Céu. Numa palavra, ela é divinizada: “todos nós participamos da sua plenitude, e recebemos graça sobre graça; porque a lei nos foi dada por Moisés, mas a graça e a verdade foram trazidas por Jesus Cristo” (Jo 16,17).

Mas até onde chega está “plenitude de graça”? O Evangelho nos responde: “mas a todos que O receberam, àqueles que crêem no seu nome, deu poder de se tornarem filhos de Deus; eles que não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem na vontade do homem, mas de Deus” (Jo 1,12-13).

O renomado teólogo do século passado, frei Antonio Royo Marin OP, assim se expressa sobre esta matéria: “em virtude deste enxerto divino a alma se torna participante da própria vida de Deus. Trata-se de uma verdadeira geração espiritual, o nascimento sobrenatural que imita a geração natural, e lembra, por analogia, a geração eterna do Verbo de Deus. Em uma palavra: como diz expressamente o evangelista São João, a graça santificante não nos dá apenas

o direito de **nos chamarmos** “filhos de Deus”, mas em realidade **nos faz tais**: “Considerai com que amor nos amou o Pai, para que sejamos chamados filhos de Deus. E nós os somos de verdade” (I Jo 3,1).

Inefável maravilha que pareceria incrível senão constasse em termos explícitos na divina relevação!!”.

Ele se fez igual a nós para tornar-nos iguais a Ele: E estendendo-se mais sobre o mesmo assunto, o mencionado teólogo de saudosa memória, chega a afirmar: “a dignidade de uma alma em graça é tão grande que diante dela se desvanecem como fumo todas as grandezas da terra. Que significa ser nobre ou rei ante um mendigo coberto de farrapos, mas que leva em sua alma o infinito tesouro da graça santificante? Todas as grandezas da terra não passam de nada e miséria, dado que logo terminaram com a morte. A grandeza de uma alma em graça, ao contrário, ultrapassa infinitamente as fronteiras do tempo e a esfera de todo universo criado, para alcançar em seu vôo de águia Deus mesmo na sua própria razão de divindade, ou seja, tornando-se semelhante a Ele **tal como é em si mesmo**. Por isso, a menor participação da graça santificante vale infinitamente mais que a criação universal inteira, ou seja, que todo conjunto dos seres criados por Deus que existiram, existem ou existirão até o fim dos séculos”.

São Tomás não vacila em escrever: “o bem sobrenatural de um só indivíduo supera e está por cima do bem natural de todo universo”.

Ele se fez um de nós, igual a nós, para que pudéssemos ser d'Ele, iguais a Ele. É possível dar à criatura humana bem maior? Não, evidentemente. Por isso devemos empreender todo e qualquer esforço para evitar uma revolta contra o Menino que adoramos na noite de Natal. É indispensável, dentro dos limites de uma santa reciprocidade, entregarmo-nos inteiramente a Ele. Aceitemos com entusiasmo o convite que Ele nos faz, amemos a perfeição, abracemos a via aqui indicada e sejamos tais como Ele é. Possamos, assim, gozar da felicidade eterna.

Compete-nos escolher por Cristo ou contra Cristo:

Entretanto, por incrível que pareça, este convite foi, é e será rejeitado por muitos levando-os a perdição. Porém, por sua aceitação, um grande número alcançará, em glória, a ressurreição: “*este Menino está posto para a ruína e ressurreição de muitos em Israel, e para ser sinal de contradição*” (Lc 2,34). Como se poderia explicar tão imenso paradoxo? Este Menino dirá mais tarde, ao longo de sua vida pública, que veio para salvar. Por que então profetizou o velho Simeão que Ele era “sinal de contradição”? Não é muito difícil desfazer esta perplexidade se nos detivermos na afirmação de Nosso Senhor no Evangelho: “*quem não está comigo, está contra mim*” (Lc 11,23). Há aqui uma clara referência aos dois únicos partidos existentes do mundo: os de Cristo e os contrários a Cristo. Ele não nos fala de uma terceira posição ou se é por Cristo, ou contra Cristo. Enquanto o Verbo não se encarnara ainda não tinha havido uma clara manifestação da Verdade, do Bem e do Belo de forma indiscutível. A partir do nascimento em Belém, foi destruída a possibilidade da indiferença em face de Deus, pois ali se encontrava o próprio Deus feito homem. Diante de tal esplendor, ou nós nos entregamos de corpo e alma, ou teremos abraçado a oposição. Com efeito, não querer ser divinizado pelo auxílio da graça, deixar-se levar pelo gozo do pecado, estabelecendo-se estavelmente nessa via, a tornar-se inimigo de Cristo.

A renúncia a ser Deus ninguém a faz, uns são do partido de Cristo e amam, na humildade da sua contingência, essa divinização. Outros a ambicionam por suas próprias forças e a querem atingir, em sua orgulhosa pretensão, julgando-se seres em evolução rumo a se transformarem em necessários e absolutos.

Neste mundo atual, no qual é grande a difusão dos vícios, crimes e pecados, nós nos perguntamos: quem será de Cristo na sua integridade?

Essa interrogação tem todo propósito, uma vez que o Evangelho nos diz: “*veio para o que era seu, e os seus não O receberam*” (Jo 1,11).

Será que o mundo de hoje recebe este Menino, o qual substancialmente é a inocência, a pureza e a retidão. Recebe-Lo significa aderir a Ele, compreendendo-O no amor e na prática da Lei, pois não basta dizer: “Senhor, é preciso fazer a vontade do Pai. Hora, orgulho e a sensualidade que num verdadeiro processo vem correndo a humanidade a séculos, estão agora produzindo seus mais amargos e maléficos frutos no mundo que assiste abobado e indiferente ao desaparecimento da família, da inocência, da castidade e de tantas outras virtudes. Os piores horrores morais vão sendo oficializados por uma crescente cadeia de governos. A Lei de Deus vai sendo contestada e substituída por decretos humanos ateus, relativistas e ilícitos. As modas, num afã irrefreável de atingir o sonhado nudismo, preferem hoje o rasgado, o excêntrico e o sujo real ou aparente. A feiúra rouba o lugar da beleza, a maldade expulsa a doçura do convívio social, a mentira se ufana e despreza a verdade. Pode-se afirmar que este mundo recebe Jesus? Seria sensato se o mundo atual interrogasse a História para saber como Deus se comporta com seus inimigos, com aqueles que abusam de sua misericórdia revoltando-se contra seus preceitos. Já no início da criação vemos o destino de Lúcifer e seus sequazes, ou as amargas conseqüências da desobediência dos nossos primeiros pais. Diz-nos a Escritura que Deus começa por rir daqueles que O afrontam e termina por condená-los.

III- JESUS VISA À SALVAÇÃO DE TODOS:

Quem, portanto, receberá este Menino que nasce na noite de hoje? Os justos homens e mulheres, que se mantêm fiéis à Lei amantes da Verdade, do Bem e do Belo, aqueles que não dobram seus joelhos diante de Baal. Quantos serão eles? Não importa seu número. Serão poucos ou serão muitos, dias vira em “que apossaram ao triunfo de Jesus em “Sua Glória, glória de Filho Unigênito do Pai, cheio de graça e de Verdade”.

Ele não deseja a condenação de ninguém. Desde sua Encarnação sempre visou a salvação de todos, e essa é sua disposição na Manjedoura. É a malícia dos homens que O levará a gemer no Horto das Oliveiras, como a se perguntar: “*Qual utilidade do meu sangue?*” É o mau uso que fazemos do nosso livre arbítrio que nos lança à infelicidade eterna.

Assim, “*a todos que O receberam, àqueles que crêem no seu nome, deu o poder de se tornarem filhos de Deus*”. Esse será o verdadeiro sentido das palavras de Nossa Senhora em Fátima: “*Por fim, o Meu Imaculado Coração triunfará*”. Para isso neste Natal precisamos correr até Belém, atendendo a voz do Deus Menino que nos chama a refletirmos diante de sua pequenina Manjedoura, para sermos sensibilizados entendendo sua doação e entrega vindo a nós, sendo DEUS, como homem nesta pequenina Criança acolhendo-o.

VINDE O ADOREMOS: Prostramo-nos então no Presépio de Belém nesta noite santa e sagrada, pedindo ao Menino DEUS a graça de voltarmos ao Presépio Vivo e contemplarmos o DEUS Vivo pela ação do Espírito Santo Paráclito nos conduzindo a vivenciarmos a grandiosidade do Amor de DEUS na gruta que nos leva a reflexão e a vivência.

Vemos Maria Santíssima em sua Glória após ter dado a luz de joelhos com mãos postas em contemplação junto com São José extasiada pela luz de DEUS que respandece do seu Divino Filho. São José caindo de joelhos com lágrimas nos olhos adora com toda intensidade o DEUS que acabara de nascer. Os Anjos de DEUS cantando GLÓRIA e anunciando aos pastores que sem duvidar correm para adora-lo entrando com toda humildade no estábulo, seus corpos sem forças desfalecendo caindo de joelhos junto ao Menino Jesus. Em seguida os Reis Magos guiados pela estrela guia chegam representando os povos do mundo inteiro, convidando para adorar neste Menino o DEUS verdadeiro, o Verbo encarnado que se fez Homem, e os animais, todos os animais ali presente, lembrem-se que eles adoraram o Menino Jesus Filho de DEUS que os criou, fazendo assim deste presépio o mais verdadeiro nos levando a ficar mais próximo de DEUS e assim poderemos entrar no verdadeiro espírito de Natal. Pois o Natal só existe por que o Sol maior se fez presente onde a estrela de Belém jamais brilhou. Que a Luz do Menino Jesus envolva nossos corações e nossas almas. Juntemo-nos a ELE que Vivo está, junte-se a ELE num momento de oração em uma pequenina adoração e queira que esteja Vivo em suas vidas, em seus corações da mesma forma que o Senhor está permitindo contemplar.

Louvemos então a DEUS, junto aos Anjos cantemos: “**LOUVADO SEJA DEUS O REI DOS REIS EM NOSSAS VIDAS**”. Que a vossa Luz possa vos curar, vos libertar, tirar vossos corações de pedra, vos fazer puros, castos e fiéis. Que a Luz do Menino Jesus toque em vossas vidas, em vossas almas e que ceda lugar ao Menino Jesus tudo que em ti faz barreira impedindo a concretização de Suas graças. Aproveita esta Luz que passa e não volta, pois o que passou passou, cada momento é um momento único. Prepare-se para que o vosso natal seja Santo acolhendo o Menino DEUS, buscai o sacramento da Confissão para que o aniversariante possa te conceder as graças necessárias para sua vida neste ano que se inicia.

Um Feliz e Santo Natal com as bênçãos do Menino Jesus, Maria Santíssima e São José.



Desenvolvimento do Culto ao DEUS-MENINO

A devoção ao Menino Jesus é a veneração do próprio Filho de DEUS que, na forma de uma frágil criança, escolheu um estábulo por palácio, uma manjedoura por berço e humildes pastores por adoradores.

Jesus quer ser conhecido e venerado em todos os estágios da vida humana: infância, adolescência, juventude, idade adulta, de maneira e assemelhar-Se a nós em tudo, exceto no pecado. Nosso Senhor conheceu a fragilidade da infância. Foi carregado ao colo e nutrido pela Virgem Maria. Porém, não teve nenhuma das deficiências dessa idade, como imaturidade, timidez, irresponsabilidade. Pois era perfeito em cada uma das diferentes idades.

Desde o começo da Igreja, muitos foram os Santos que falaram sobre o DEUS-Menino e seu nascimento em sermões e escritos, especialmente o Papa São Leão Magno, Santo Agostinho, São Gregório de Nissa e São Máximo de Turim.

Mas foi na Idade Média que a devoção ao Divino Infante começou a tomar corpo, vários Santos tiveram especial devoção pela divina infância de Nosso Senhor Jesus Cristo. São Francisco de Assis, enternecido ao meditar no grande DEUS que Se tornou frágil Menino numa manjedoura, montou o primeiro presépio, para representar esse divino mistério, na cidade italiana de Greccio, no ano de 1224.

Na Alemanha, pinturas do Menino Jesus, sozinho, já aparecem no século XIV; no século seguinte, surgiram esculturas, principalmente em conventos de monjas. Ele era representado geralmente de pé, algumas vezes sentado, segurando objetos diversos nas mãos, como um pássaro, uma maçã, uma esfera, um livro, uma cruz etc. A mais antiga imagem do Menino Jesus conhecida desse período é uma escultura de 28 cm de altura, de 1340. O DEUS-MENINO sta em atitude de abençoar, tendo um pássaro em uma das mãos. Encontrava-se no convento de Mödingen. Digna de nota também é a imagem policromada de Jesus Menino, de cerca de 1462, que se encontra no museu Nacional Bávaro, em Munique, e que o Divino Infante segura em cacho de uvas.

Entretanto, foi na Espanha, durante o século XVI – chamado o *Século de Ouro* – que o Divino Menino Jesus começou a ser venerado em imagens em que aparece de pé, com um ou outro dos símbolos de sua divindade e missão redentora.

A grande Santa Teresa introduziu essa devoção em seus conventos. E deles ela se espalhou por todas a Espanha e depois pelo mundo. Seu discípulo e co-fundador do ramo carmelita reformado masculino, São João da Cruz, entusiasmava-se tanto com esse mistério de um DEUS feito homem, que, durante o período de Natal, levava a imagem do Menino Jesus em procissão, e bailava com ela ao colo. Compôs também tocantes poesias sobre a Natividade.

Assim surgiram, nos conventos carmelitas, várias invocações ao Menino Jesus, como *El Peregrinito, El Fundador, El Tornerito, El Salvador*.

Em Quito, pertencente então ao Vice-Reinado do Peru, na primeira metade do século XVII, Santa Mariana de Jesus Paredes y Torres tinha no altar de sua capela, ao lado de Nossa Senhora, um imagem do Menino Jesus, diante da qual fazia suas devoções.

A Venerável Margarida do Santíssimo Sacramento

Caberia, porém, a uma religiosa carmelita ser a propagadora da devoção do Menino Jesus, e sua confidente. Trata-se da Venerável Margarida do Santíssimo Sacramento (em 619 – 1648), do convento de Beaune, na França. Esta freira falecida aos 29 anos de idade, entrou para o convento aos 11 anos como pensionista. Tinha grande familiaridade com os Anjos e Santos e o privilégio de participar de todos os grandes mistérios da Vida do Salvador. Entretanto, recebeu a missão especial de venerar e propagar a devoção à divina Infância de Cristo: Eu te escolhi para honrar e tornar visível em ti minha infância e minha inocência quando eu jazia no presépio - disse o Menino DEUS quando ela rezava diante de uma imagem sua que havia no convento, conhecida como O Rei da Glória. Recebia muitas graças extraordinárias, nas quais o Menino Jesus dava-lhe a compreender de um modo mais profundo este mistério.

Na festa de Natal que se seguiu à sua profissão religiosa, o Divino Menino Jesus colocou-Se em seus braços, pequeno como era no momento que veio ao mundo. A Venerável Margarida suplicou-Lhe instantemente um príncipe herdeiro à França, e que ele fosse segundo seu coração. O Menino assegurou-lhe que ela não morreria sem que isso tivesse concedido. E esse príncipe foi o futuro Rei Luís XIV, filho de Luís XIII e Ana D'Áustria, cujo casamento tinha sido estéril durante mais de 20 anos, o qual nasceu em 1638.

A devoção de Margarida à Santa infância foi tão contagiante que muitos senhores e damas da Corte, várias comunidades religiosas enviavam à capela de seu convento presentes magníficos para ornar o Menino Jesus, testemunhando assim seu respeito por seu grande mistério.

A Venerável Margarida do Santíssimo Sacramento fundou a Família do Menino Jesus, convidando todos a celebrar com fervor os dias 25 de cada mês, em lembrança da Santa Natividade, e a rezarem A Coroinha, O Rosário do Menino Jesus, em honra dos doze primeiros anos de sua vida terrena.

Oração ao Menino Jesus

Revelada por Nossa Senhora ao Venerável Frei Cirílio, Carmelita Decalco.

Ó divino menino Jesus, eu recorro a Vós e Vos rogo, pela intercessão de vossa Mãe Santíssima, que me assistais nesta minha necessidade (expremi-la), porque creio firmemente que vossa Divindade me pode valer. Espero com toda confiança alcançar a vossa Santa graça.

Amo-vos com todo o coração e com todas as forças da minha alma.

Pesa-me ter-Vos ofendido e proponho nunca mais tornar a ofender-Vos. Estou disposto a tudo sofrer antes que Vos desgostar.

De agora em diante, ó Menino Divino, quero servir-Vos com toda a fidelidade e, por amor de Vós amar o meu próximo como a mim mesmo. Infante onipotente, Senhor Jesus, renovo a minha Súplica: ajudai-me e socorrei-me nesta circunstância, e concedei-me a graça de posuir-Vos eternamente com Maria e José, e de adorar-Vos com os Anjos e Santos na pátria celeste. Amém.



Bem junto ao presépio, adorando o menino Jesus, em companhia de Maria e José, encontramos a solução para a febricitação que se instalou na Humanidade após o pecado original. O homem passou a sentir um incontrolável anseio de ser igual a DEUS: "Sereis como deuses" (Gn 3,5).

Aí está o DEUS-Menino que Se fez igual a nós para podermos ser iguais a DEUS. Veio disposto a dar sua própria vida até a última gota de sangue, e assim elevar às alturas da divindade a nossa natureza decaída.

Por Ele, com Ele e nEle, abriu-se para nós a possibilidade de participar da divindade.

De joelhos, ao Menino roguemos neste Santo Natal, pela poderosa intercessão de Maria e José, as melhores graças para alcançar a plenitude da santidade e nos fazermos, assim, seus irmãos por adoção, na mesma divina natureza.

**Feliz e Santo Natal a todos.
Esses são os nossos votos da
Associação Filhos de Jesus e Maria.**

Fontes:

- Revista Arautos do Evangelho-Edição Dezembro/2.005-Artigo de: Padre João Scognamiglio C. Dias-Páginas 6 à 11
- O Pequeno Rei – O Menino Jesus de Praga Plínio Maria Solineo



Informativo:

Retiro de Cura e Libertação

Dias 15, 16 e 17 de Fevereiro de 2008

Local: Casa de Retiro Siló - Vinhedo - SP

Inscrições:

(19) 3209.0744 / 8123.3402 (Falar c/ Assunção)

(19) 8123.5935 (Falar c/ Aline)

7819.2014 (Falar c/ Simone)

Publicação e Edição:



Associação Filhos de Jesus e Maria
www.afjm.org.br

Tiragem: 150 exemplares